ELÓI MARTINS SENHORAS
ANA CÉLIA DE OLIVEIRA PAZ
(organizadores)

EDUCAÇÃO

Agendas Temáticas



IOLE EDITORA

EDUCAÇÃO

Agendas Temáticas

EDUCAÇÃO

Agendas Temáticas

ELÓI MARTINS SENHORAS
ANA CÉLIA DE OLIVEIRA PAZ
(organizadores)

BOA VISTA/RR
2026

Editora IOLE

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.



EXPEDIENTE

Revisão
Elói Martins Senhoras
Geane Ribeiro Silva Monteiro

Capa
Alokike Gael Chloe Hounkonnou
Elói Martins Senhoras

Projeto Gráfico e Diagramação
Elói Martins Senhoras
Balbina Líbia de Souza Santos

Conselho Editorial
Abigail Pascoal dos Santos
Charles Pennaforte
Claudete de Castro Silva Vitte
Elói Martins Senhoras
Fabiano de Araújo Moreira
Julio Burdman
Marcos Antônio Fávaro Martins
Rozane Pereira Ignácio
Patrícia Nasser de Carvalho
Simone Rodrigues Batista Mendes
Vitor Stuart Gabriel de Pieri

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

Se75 SENHORAS, Elói Martins; PAZ, Ana Célia de Oliveira Paz (organizadores).

Educação: Agendas Temáticas. Boa Vista: Editora IOLE, 2026.

Série: Educação. Editor: Elói Martins Senhoras.

ISBN: 978-65-977111-2-3

1 - Brasil. 2 - Educação. 3 - Empiria. 4 - Estudos de Caso. 5 - Teoria.
I - Título. II - Senhoras, Elói Martins. III - Educação. IV - Série

CDD–370

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores.
O presente livro contou com avaliação às cegas no sistema double-blind-review.



EDITORIAL

A editora IOLE tem o objetivo de divulgar a produção de trabalhos intelectuais que tenham qualidade e relevância social, científica ou didática em distintas áreas do conhecimento e direcionadas para um amplo público de leitores com diferentes interesses.

As publicações da editora IOLE têm o intuito de trazer contribuições para o avanço da reflexão e das práxis em diferentes áreas do pensamento e para a consolidação de uma comunidade de autores comprometida com a pluralidade do pensamento e com uma crescente institucionalização dos debates.

O conteúdo produzido e divulgado neste livro é de inteira responsabilidade dos autores em termos de forma, correção e confiabilidade, não representando discurso oficial da editora IOLE, a qual é responsável exclusivamente pela editoração, publicação e divulgação da obra.

Concebido para ser um material com alta capilarização para seu potencial público leitor, o presente livro da editora IOLE é publicado nos formatos impresso e eletrônico a fim de propiciar a democratização do conhecimento por meio do livre acesso e divulgação das obras.

Prof. Dr. Elói Martins Senhoras

(Editor Chefe)

Copyright © Editora IOLE
2026

CAPÍTULO 4

Crianças Autoras: Criação Literária e Desenvolvimento da Autoria Discente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

CRIANÇAS AUTORAS: CRIAÇÃO LITERÁRIA E DESENVOLVIMENTO DA AUTORIA DISCENTE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Érika Christina Kohle[1]

Gisele de Assis Carvalho Cabral[2]

Este capítulo apresenta dados obtidos em uma pesquisa de doutorado realizada com crianças do quinto ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de um bairro periférico de um município de médio porte, localizado no interior do Estado de São Paulo, ao buscar a formação de leitores de livros literários. A parte da investigação aqui exposta contempla o momento em que proporcionamos às crianças a possibilidade de se tornarem autoras e ilustradoras de um livro coletivo de contos de aventura composto por seus enunciados escritos e por suas ilustrações.

Compartilhamos também esse recorte derivado de uma agenda de pesquisa no doutoramento em Educação por ter contribuído com nossa trajetória, tanto acadêmica – na condição de pesquisadoras do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – como profissional – por exercermos as funções de professora e de diretora de escolas públicas de Educação Básica, como uma possibilidade de aperfeiçoar os nossos conhecimentos tanto práticos quanto teóricos de docência e de

[1] Professora da Rede Municipal de Educação Básica de Marília. Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail para contato: erika.kohle@gmail.com

[2] Professora da Rede Municipal de Educação Básica de Marília. Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail para contato: gikbral7@hotmail.com

gestão pedagógica, mais especificamente, relacionados aos processos de ensino e de aprendizagem de atos de leitura e de escrita.

A parte da investigação compartilhada diz respeito a uma proposta de criação autoral para crianças do quinto ano do Ensino Fundamental que se apoiou nos princípios da Filosofia da Linguagem, cujos principais expoentes são Mikhail Bakhtin e Valentin Volochinov, pois tal aporte teórico enfatiza a concepção de ensino da linguagem escrita como forma de estabelecer relações interpessoais a partir de enunciados produzidos em situações de trocas verbais reais.

Para a materialização de tal proposta foi proporcionada à mencionada turma de 25 crianças uma vivência mais ampla em relação à linguagem escrita com vistas à formação de autores de enunciados escritos publicáveis, cujos atos se evidenciaram entre interlocutores reais ao utilizarem as ferramentas da linguagem escrita como meio de produção de sentidos.

A partir do objetivo de proporcionar às crianças a criação de enunciados publicáveis, a proposta se comprometeu com o ensino da linguagem com manutenção de sentidos, ao contemplar a função social dos enunciados, inserindo-os na vida de seus interlocutores – para superarmos as práticas de arquivamento das criações verbais escritas das crianças em pastas de produção textual, sob pretexto de documentarem os avanços de suas capacidades de escrita, como se tem feito com frequência nas escolas dos Anos Iniciais de Ensino Fundamental.

Ressaltamos que a publicação de enunciados pelas crianças pode ajudá-las a escrever cada vez melhor, uma vez que o objetivo (para que escrever?) e o destinatário (para quem escrever?) de seus enunciados são reais e não artificiais. Além disso, a necessidade de publicar um livro com as crianças foi nutrida pelas discussões realizadas nos grupos de pesquisa, relacionados à alfabetização e ao

ensino da linguagem numa perspectiva humanizadora, do Programa de Pós-Graduação da UNESP de Marília.

Desse modo, a publicação do livro de contos de aventuras intitulado "No meio dos quinze contos de aventura tem um pé de imaginação!" foi o produto materializado a partir do desafio, proposto à turma referida, de criar narrativas de aventuras a partir de estratégias elaboradas por um renomado autor da literatura infantojuvenil brasileira. As crianças se inspiraram em alguns dos dezessete passos pensados pelo escritor Ricardo Azevedo (2008) presentes em seu livro "Vou-me embora dessa terra, é mentira não vou não!" para a escrita de histórias de aventura e escreveram suas narrativas de aventura autorais em duplas ou em trios.

Assumimos a perspectiva de que as criações escritas devem partir dos enunciados e de suas condições de produção para entender como são criadas, sem ignorar a existência de suas formas, porque o problema está em pensar que a língua se resume a tais formas. Sobre esse problema, Bakhtin (1990), ao traçar um paralelo com a psicologia, afirma que estudar apenas o texto em si sem relacioná-lo à situação externa ao qual ele pertence é tão absurdo quanto estudar o sofrimento psíquico distante da realidade a partir na qual ele é determinado.

Por meio da elaboração de atos de escrita de gêneros do enunciado pelas crianças, possibilitamos a elas experienciarem situações autênticas de intercâmbio verbal e, assim, a compreensão da verdadeira função desse instrumento cultural. E, ainda, por estarem inseridas em um processo dialógico e ininterrupto, novas necessidades e novos motivos foram criados para suas trocas verbais futuras.

É importante que os professores tenham em mente que, nos episódios em que a criança tem a chance de escrever tal e qual observa nos atos de escrita do mundo a sua volta – em casa, em

lugares públicos ou mesmo na escola – ela passa a sentir vontade de participar desses atos, porque suas necessidades de fazer parte da cultura escrita começam a ser criadas.

Para que a elaboração dos livros de contos se concretizasse, durante o seu processo de criação, trabalhamos com inúmeras intervenções na zona de desenvolvimento proximal[3] das crianças, uma vez que essa área determina as possibilidades de ensino. No caso em questão, os questionamentos, os estudos, a utilização dos recursos da computação e as explicações em relação à forma pela qual o enunciado foi criado, promoveram estratégias de revisão e de reescrita no processo de criação dos atos de escrita dos sujeitos da pesquisa.

Portanto, o professor ou parceiro com mais experiência deve atuar na zona de desenvolvimento proximal das crianças, pois é nessa área que os processos internos emergem, os saberes são estimulados e ativados nas crianças por meio das inter-relações com outros, uma vez que eles vão se convertendo em suas apropriações.

Essa zona, segundo Vigostki (2006), é determinada por meio da solução de problemas e de desafios pelas crianças sob a orientação de um outro mais experiente. Ela determina as possibilidades de ensino, não sobre os saberes já alcançados pela criança, mas sobre as expectativas de desenvolvimento existentes nessa área, uma vez que as funções psicointelectuais "[...] cabe a ele, a partir de observações criteriosas, ajustar suas intervenções pedagógicas ao

[3] Essa área precisa ser conhecida pelo professor para dar continuidade à aprendizagem das crianças, para que não se ensine o que elas já sabem, e para não se proponha um ensino muito além das suas possibilidades. Nesse ponto, é necessário dizer que Vigotski (2007) conceitua a zona de desenvolvimento proximal, também chamada de área de desenvolvimento potencial, como a distância entre o desenvolvimento real e o desenvolvimento potencial em que a criança se encontra. Dito com outras palavras, o intervalo entre o que a criança já consegue fazer e o que ela poderá realizar; nessa área o professor deve atuar para que primeiramente a criança consiga fazer com ajuda e em seguida autonomamente.

processo de aprendizagem dos diferentes alunos, de modo que lhes possibilite um ganho significativo do ponto de vista educacional, afetivo e sociocultural" (PRADO; FREIRE, 2001, p. 05).

Assim, uma das funções dos professores deve ser organizar suas relações com as crianças e as relações das crianças entre si, estimulando as trocas verbais, que são responsáveis não apenas por suas apropriações de conhecimentos, mas também pela abertura de novas possibilidades de aprendizagens para elas.

Desse modo, os professores, como operadores de mediações, devem focar seu ensino na zona de desenvolvimento proximal das crianças — ou seja, naquilo que elas conseguem aprender por meio de interações e atividades coletivas. Isso permite que os elas consolidem novos saberes, fazendo-as avançar nos seus patamares de desenvolvimento e, consequentemente, em sua prática enunciativa.

Ademais, por conceber as manifestações de linguagem como materialização concreta que se estabelece como ato ético, há a necessidade de ocupar um lugar no mundo ligado à existência real (BAKHTIN, 2010). O autor ressalta a autoria, manifestada na assinatura, como a responsabilidade de todo e qualquer humano por seus enunciados, exatamente porque tais atos verbais são dialógicos e exigem respostas e para isso é necessário que se saiba sua origem.

Além disso, diante das constatações elencadas anteriormente, para a exposição da investigação, para que a autoria seja reforçada e a escrita desse enunciado se configure como um ato responsável, o relato continuará a ser descrito e analisado em primeira pessoa, com a participação de duas pesquisadoras: uma como proponente, idealizadora e materializadora da proposta, e a outra como colaboradora teórica do artigo, revisora e auxiliadora do produto final da pesquisa – o livro de contos de aventuras.

Em relação aos processos metodológicos utilizados, a pesquisa tanto em sua geração quanto em sua análise de dados foi fundamentada na dialogia, concebida pelos fundadores da Filosofia da Linguagem, Bakhtin e Volochinov. Tal metodologia defende a constituição do sujeito único e singular por meio da alteridade, sustentada pelas interações sociais em todas as esferas da atividade humana, que, desde o seu nascimento social, possibilita a formação da consciência humana.

Para Bakhtin (2017, p. 59, destaque nosso), "O objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante.* Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado". Sendo, professoras e crianças, seres expressivos e falantes, portanto, pensantes, em todo o tempo houve o encontro de duas ou mais consciências interagindo e constituindo-se reciprocamente, cabendo à professora o papel de criar as condições subjacentes e essenciais ao processo de apropriação da escrita para que as crianças pudessem se apropriar de conhecimentos específicos para escreverem suas histórias. Isso se deu por meio dos diálogos efetuados entre todos os envolvidos em direção a um mesmo objetivo: a publicação dos contos.

Com o intuito de incentivar outros professores e outras professoras, nos próximos tópicos relataremos, descreveremos e analisaremos algumas ações necessárias à escrita dos contos para a publicação do livro de contos de aventura.

DESENVOLVIMENTO ANALÍTICO

"Será que o mundo do texto existe quando não há ninguém para dele se apossar, para dele fazer uso, para inscrevê-lo na memória ou transformá-lo em experiência?" (CHARTIER, 2009, p. 154).

Diante das considerações de Chartier (2009) sobre a manutenção do enunciado vivo, propusemos um desafio às crianças por meio do diálogo em que ressaltamos a importância de escrever para um destinatário real, diferindo das práticas realizadas na escola, que não cumprem com o propósito social dos enunciados escritos de serem endereçáveis para um outro, uma vez que os destinatários dos enunciados das crianças se resumem ao professor/à professora da turma, ao coordenador/à coordenadora da escola e, ainda, aos responsáveis por seu desenvolvimento de capacidades de escrita, cujo objetivo é verificar os avanços ou não na escrita das crianças.

Como uma forma de mudar a realidade descrita anteriormente, propusemos a publicação de um livro com os contos às crianças da turma. Como auxílio para motivação para seus atos de escrita, foi oferecida a elas os dezessete passos sugeridos pelo escritor Ricardo Azevedo (2008) para a escrita de histórias de aventura que fazem parte da obra intitulada "Vou-me embora dessa terra, é mentira não vou não!" que serviram como inspiração para as crianças se aventurarem no mundo da escrita literária.

Sobre a importância da criação de enunciados para o outro, esclarece Bakhtin (2006, p. 283).

> Nós assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas). Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o

> nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras [...].

O trabalho de apropriação da linguagem deve considerar o processo de trocas verbais fundamental, pois na interação entre a criança e seus interlocutores, por meio da linguagem, ela cresce intelectualmente e desenvolve seus conhecimentos, porque "[...] o mundo interior é uma arena povoada de vozes sociais em suas múltiplas relações de consonâncias e dissonâncias; em permanente movimento, já que a interação socioideológica é um contínuo devir" (FARACO, 2009, p. 81).

De acordo com esse ponto de vista, a relação entre o pensamento e a palavra é um processo vivo; o pensamento nasce das palavras. Uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece uma sombra (VYGOTSKI, 2001).

Mediante a apropriação dos gêneros do enunciado, as crianças podem produzir enunciados escritos de forma cada vez mais independente, ao considerar que:

> Quanto melhor dominamos os gêneros, tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso (BAKHTIN, 2006, p. 285).

A partir dessa ótica, a criança deve ser levada a participar ativamente de seu processo de aprendizagem, pois ele se concretiza

e tem verdadeira serventia para sua vida, quando ela tem a chance de experienciá-lo como agente criadora de cultura (LEONTIEV, 1978), porque quanto mais vivencia situações reais com os gêneros, mais se apropria deles e deslinda a sua própria forma de se expressar, de se manifestar, de dizer a sua palavra.

Quando o exercício do dizer está presente na elaboração de seus atos, as crianças vão ocupando posições sociais diferentes: de criadoras, de narradoras, de autoras, de ilustradoras de enunciados etc. Assim, o trabalho do professor não se restringe apenas à explicitação, mas engloba "[...] a constituição do discurso social enquanto elaboração individual – que as crianças precisam (poder) realizar [...]" (SMOLKA, 2014, p. 154).

Nesse sentido, a escrita somente desempenha o seu papel genuíno se as crianças necessitarem usá-la em situações concretas de suas vidas. Para isso, os professores devem possibilitar a criação de necessidades nas/pelas crianças, ao favorecerem assim aprendizagens que possam contribuir para seus processos de emancipação.

Após discutir cada um dos dezessete passos elaborados pelo escritor aludido para escrever uma história de aventura, a turma foi desafiada a escrever um conto de aventura, para tal feito as crianças poderiam reunir-se em duplas ou em trios.

Em uma primeira versão, as crianças usaram o suporte papel para grafarem com o lápis a escrita do esboço do enunciado, durante o processo de discussão coletiva a respeito dos elementos que compõem a narrativa de aventura: personagens, enredo, situação inicial, local, problema, clímax e desfecho.

Após essa primeira escrita, surgiu a ideia de publicar uma coletânea de contos e todos a aceitaram de imediato. O segundo passo foi encontrar uma Editora que pudesse lançar o livro naquele ano, pois no ano seguinte as crianças ingressariam em outra escola.

Assim que a editora foi encontrada, a próxima etapa foi a conversa com os familiares que também aceitaram a ideia de publicação e ficaram responsáveis pela compra dos exemplares, posto que para a publicação a exigência da editora era a aquisição de, no mínimo, cinquenta exemplares.

Com o apoio essencial dos familiares no financiamento do livro e das crianças, cujos olhos brilharam ao pensar no livro físico de própria autoria, a ideia de criação de um livro foi posta em prática. Com as histórias já escritas, a próxima etapa do trabalho foi torná-las apropriadas para a publicação.

Segue um exemplo da criação da primeira versão de uma dupla (Figura 1). Primeiramente, escreveram o conto em folha de papel. Depois digitaram o texto no *notebook,* tal como foi escrito por elas. Com o enunciado digitado, questionei-os a respeito de alguns aspectos na intenção de melhorar o escrito para realizarmos a segunda versão juntos.

> **Professora:** Vocês criaram uma sequência a partir da narrativa do livro "*Robin Hood*" contando uma das aventuras do rei. Nós que conhecemos a história conseguimos compreender, mas quem lerá esse conto conseguirá entender a história?
>
> **Criança 1:** Quem comprar o livro poderá ler a história.
>
> **Professora:** Esse leitor tem condições de compreender ou faltam alguns detalhes?
>
> **Criança 1:** Acho que compreenderá sim.
>
> **Professora**: O texto foi escrito em dois parágrafos. É possível organizar melhor os parágrafos. Vou ajudar nessa questão. No primeiro parágrafo, vocês apresentam o personagem principal e algumas características sobre ele, que é a situação inicial. No

segundo parágrafo, nós podemos deixar apenas o evento perturbador “Um dia aconteceu algo diferente na vida dele”. E como podemos fazer o terceiro parágrafo?

Criança 1: Começa em “Quando” e termina em “até que apareceu um mouro falando”.

Professora: Isso! Não tem a fala do mouro. Não seria mais interessante inserir uma fala para o mouro? Então seria outro parágrafo.

Crianças: Sim.

Professora: Em quanto tempo isso tudo aconteceu? Precisa inserir as palavras que indicam que o tempo está passando “Um dia”, “Depois de um tempo”, “No outro dia” etc.

Criança 1: Entendi. Nós vamos colocar.

Professora: Vocês escreveram as palavras “ele/eles” muitas vezes. Ficou repetitivo. Quem é ele? Quem são eles?

Podemos substituir por outras palavras para o texto ficar menos cansativo. Pode ser?

Crianças: Pode. Vamos arrumar.

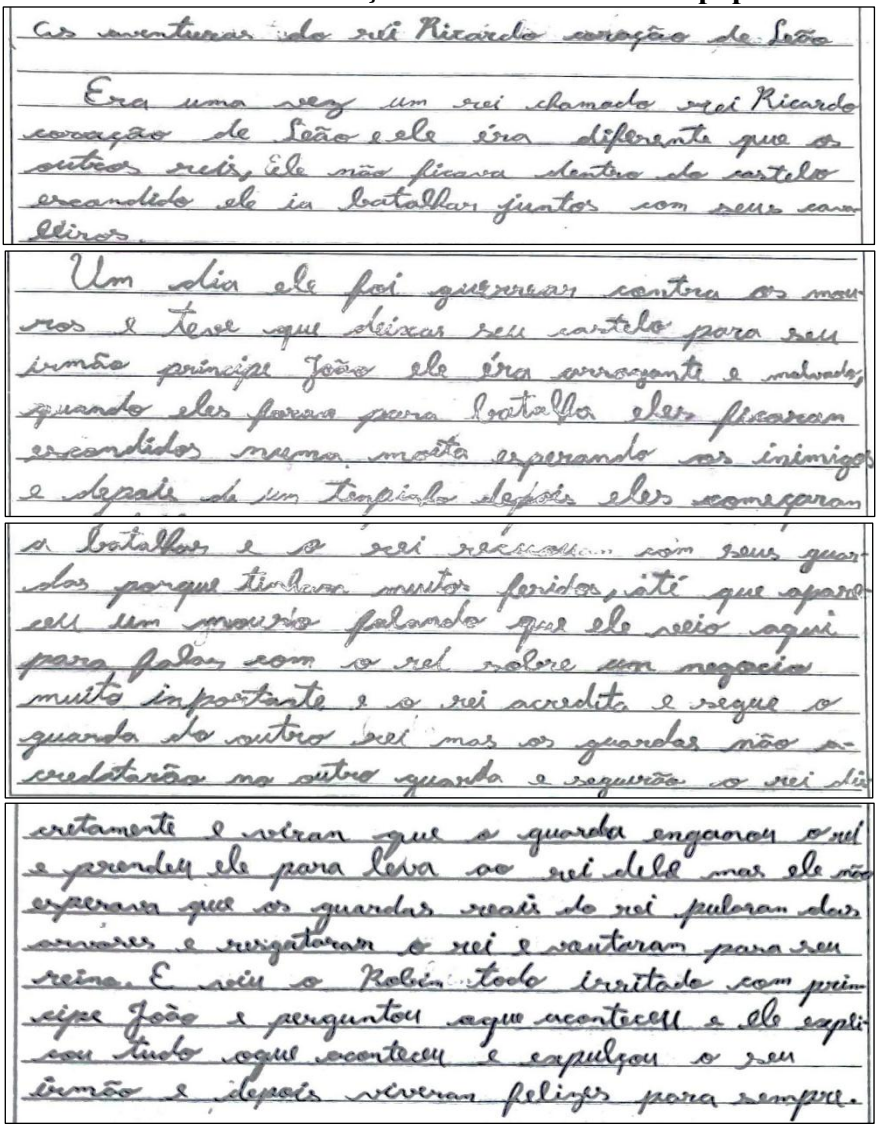
Professora: O sobrenome do rei também é substantivo próprio, ou seja, deve ser escrito com letra inicial maiúscula. Agora, vamos melhorar o texto, pensando nesses aspectos que acabamos de falar?

Crianças: Podemos colocar “nobre” em vez de “rei” de novo?

Professora: Podem. “Majestade” também pode ser.

(Registros da pesquisa em 23/10/2022).

Figura 1 - Primeira versão de "As aventuras do rei Ricardo coração de leão" na folha de papel



As aventuras do rei Ricardo coração de leão

Era uma vez um rei chamado rei Ricardo coração de Leão e ele éra diferente que os outros reis, Ele não ficava dentro do castelo escondido ele ia batalhar juntos com seus cavaleiros.

Um dia ele foi guerrear contra os mouros e teve que deixar seu castelo para seu irmão príncipe João ele éra arrogante e malvado, quando eles foram para batalha eles ficaram escondidos mesmo muito esperando os inimigos e depois de um tempinho depois eles começaram a batalhar e o rei ficou com seus guardas porque tinham muitos feridos, até que apareceu um mouro falando que ele veio aqui para falar com o rei sobre um negocio muito importante e o rei acredita e segue o guarda do outro rei mas os guardas não acreditaram no outro guarda e seguiu o rei direitamente e viram que o guarda enganou o rei e prendeu ele para leva ao rei dele mas ele não esperava que os guardas reais do rei pularam dos arbustos e resgataram o rei e voltaram para seu reino. E veio o Robin todo irritado com príncipe João e perguntou oque aconteceu e ele explicou tudo oque aconteceu e expulsou o seu irmão e depois viveram felizes para sempre.

Fonte: Registros da pesquisa (23/09/2022).

Por meio do domínio dos gêneros do enunciado, as crianças podem produzir atos de escrita de forma cada vez mais autônoma. Desse modo, deve-se tomar cuidado para não propor atividades destituídas de significado real às crianças, pois dessa forma se estaria seguindo o caminho inverso em relação à criação de necessidades para elaboração de atos autênticos de escrita.

Além disso, a escrita só exerce a função para a qual foi criada se as crianças sentirem a necessidade de usá-la. Para isso, os professores, no papel de operadores de mediações da cultura humana, devem ajudá-las a criar essas necessidades, para proporcionar-lhes um ensino que contribua para suas vidas.

Percebe-se assim que a linguagem só pode ser apropriada em sua completude e em seu fluxo, numa interlocução entre os sujeitos, pela qual, ao entrarem em contato com as palavras do outro, oferecem a sua contra palavra por meio do processo de dialogia, em uma interatividade complexa e dinâmica.

Para a elaboração da segunda versão e das demais versões, os enunciados foram digitados no programa de processamento de texto *Microsoft Word* com o uso do *notebook* da professora para que pudessem ser revisados e alterados com maior facilidade.

Nesse dia, foi realizada a segunda versão do conto cujo resultado é verificado no Quadro 1, disposto na página seguinte. Em seguida, nas demais semanas, elaboraram, digitaram os contos e fizeram as revisões, algumas vezes coletivamente, noutras vezes individualmente ou em duplas.

A cada nova interação que estabelecia com as crianças, estivemos atentas para aproveitarmos as oportunidades de fazer com que elas incorporassem as novas informações à sua atividade de criação enunciativa, tendo em mente que assim seus saberes seriam inseridos em processos de apropriação, de objetivação e de usos, que complexificam cada vez mais seus fazeres. Visto que para o

desenvolvimento das capacidades tanto linguísticas quanto autorais das crianças, faz-se impreterível a atuação do professor – como parceiro com mais experiência cultural – nas suas zonas de desenvolvimento proximais (VIGOTSKII, 2006), por meio do processo interativo, que as leva a se apropriarem de novas aprendizagens, uma vez que, se essas atuações e trocas se basearem somente nos níveis de desenvolvimento reais das crianças – onde elas já estão –, elas nunca seriam levadas para além da área em que se encontravam, ou seja, não seriam conduzidas para as possibilidades de aprendizagens futuras.

Quadro 1 - Segunda versão de "As aventuras do Rei Ricardo Coração de Leão"

As aventuras do Rei Ricardo Coração de Leão

Era uma vez um rei chamado Ricardo Coração de Leão que era diferente dos outros reis, porque não ficava dentro do castelo escondido e ia batalhar junto com seus cavaleiros.

Um dia, o nobre foi guerrear contra os mouros e deixou seu castelo sob o comando de seu irmão príncipe João que era arrogante e malvado.

Quando foram para a batalha, ficaram escondidos esperando os inimigos. Depois de um tempo, os mouros apareceram e começaram a batalhar. Em certo momento, o rei recuou com seus guardas porque havia muitos feridos, até que apareceu um mouro:

– Vim aqui para falar com o rei sobre um assunto muito importante.

– Então diga – disse o rei desconfiado.

O rei acreditou e seguiu o guarda do rei dos mouros, mas os guardas da Majestade não acreditaram no outro guarda e seguiram o rei discretamente e viram que o guarda enganou o rei e o prendeu para levar ao rei dele. Mas ele não esperava que os guardas reais do rei Ricardo pulassem das árvores e resgatassem o rei. Os mouros voltaram para seu reino.

Ele estava raivoso com o que tinha acontecido. O rei João que estava passando por ali e perguntou o que estava acontecendo.

Fonte: Registros da pesquisa (23/09/2022).

Figura 2 - Processo de revisão de contos pelas crianças



Fonte: Registros da pesquisa (15/09/2022).

Professora: Vocês trabalharam muito bem até aqui. Parabéns! Agora falta finalizar o conto. Na primeira versão, apareceram Robin e João do nada. Você se lembram?

Crianças: Sim.

Professora: Como escrever de forma que o leitor possa compreender essa parte? Lembrando que o leitor pode não conhecer a narrativa do *Robin Hood*.

Criança 1: Quando o Rei Ricardo e sua tropa voltaram para o reino, encontraram o Robin no meio do caminho. Ele "tava" nervoso porque o João, que

"tava" substituindo o Rei Ricardo, matou o pai dele e roubou o povo.

Professora: Sim, eu sei porque conheço a história, mas como o leitor vai compreender isso? Vamos pensar como escrever?

Crianças: Sim.

Professora: Então vamos fazer juntos. Um de vocês pode ir digitando no *notebook*, *ok*?

Criança 1: Eu digito uma parte.

Criança 2: E eu outra.

Professora: Ótimo! Vamos escrever um parágrafo sobre o Robin?

Crianças: Sim.

Professora: Pode ser a partir nesse trecho, vejam "Os mouros voltaram para seu reino Quem mais voltou?

Criança 2: O Rei Ricardo.

Professora: Ótimo! Escreva essa informação aí. E quem eles encontram no meio do caminho?

Criança 1: O Robin.

Professora: Como o Robin estava?

Criança 2: Com muita raiva do que tinha acontecido.

Professora: Isso. Então, como ficou? Leia para mim.

Criança 1: Os mouros voltaram para seu reino, e o rei Ricardo também. No meio do caminho, a tropa do bom rei viu o Robin, que estava raivoso com o que tinha acontecido.

Professora: Aconteceu com quem?

Criança 1: Com o Robin.

Professora: Então, tem que colocar que havia acontecido a ele. Assim, olha "que estava raivoso

com que lhe havia acontecido". O que houve mesmo? Como vai ficar?

Criança 2: João matou o pai de Robin e roubou todo dinheiro da vila.

Criança 1: E Robin vai falar para o rei.

Professora: E o que o rei faz quando toma conhecimento da morte e do roubo?

Criança 1: O rei Ricardo, ao tomar conhecimento do fato, expulsa seu irmão para nunca mais o ver lá por perto.

Professora: Vocês poderiam dizer que ninguém mais o viu pelas redondezas em vez de lá perto.

Criança 1: Fica melhor assim mesmo.

Professora1: Leia para mim para eu ver como ficou.

Criança 2: Você matou meu pai e roubou todo dinheiro da vila! – gritou Robin Hood indignado.

Professora: Ficou ótimo. E o final como ficou?

Criança 1: O rei Ricardo, ao tomar conhecimento do fato, expulsou seu irmão e nunca mais o viu pelas redondezas.

Professora: Parabéns! Está perfeito!

(Registros da pesquisa em 23/10/2022).

Evidenciamos que o professor deve organizar, sempre que possível, grupos ou duplas de crianças para a resolução dos desafios de modo cooperativo, para que as crianças se expressem com liberdade, ousem, multipliquem suas ideias e elaborem novas como um agente coletivo, sem perder de vista que é ele ou ela que vai supervisionar essas ações cooperativas, ajudando as crianças a traçarem as hipóteses e novos caminhos quando for necessário (ZUCKERMAN, 2015).

> Caso contrário, a ação conjunta calcada na imitação impossibilita as crianças de expressarem suas hipóteses, de fazerem perguntas sobre realidades desconhecidas ou contraditórias, porque nesse modo de interação a incumbência de refletir se transfere para o adulto ou para o parceiro com muito mais experiência (KOHLE, 2022, p. 97).

O grupo de crianças atua como um agente coletivo que faz todo o grupo avançar no levantamento de hipóteses, no debate, na verificação das possibilidades de elaboração escrita, na busca de métodos de criação, nos modos de revisão dos enunciados, no controle das etapas que o gênero enunciativo exige e na autoavaliação tanto do processo criativo quanto das capacidades desenvolvidas por elas.

Segue a versão final da narrativa "As aventuras do Rei Ricardo Coração de Leão", após as revisões mostradas no Quadro 2.

Os aparelhos digitais podem ser considerados como possibilidade de emancipação do homem, sendo usados para ler e escrever notícias, enunciados literários, enunciados científicos, poesias, filmes, obras de arte, para buscar informações etc. Eles podem ter funções múltiplas como, por exemplo, serem usados como uma máquina de escrever muito eficiente que facilita correções e permite revisões de texto.

Braga e Ricarte (2010) ressaltam que, ao levar em conta os impactos dos avanços tecnológicos nas práticas comunicativas, deve-se ter em mente que os aparelhos digitais são mais uma dessas muitas invenções tecnológicas e, atualmente, ocupam cada vez mais lugar de destaque nas práticas cotidianas. Com o surgimento dos computadores e outros aparelhos digitais e com a popularização da publicação de enunciados no meio digital, novas possibilidades para a criação verbal se abriram.

Quadro 2 - Versão final de "As aventuras do Rei Ricardo Coração de Leão"

As aventuras do Rei Ricardo Coração de Leão

Era uma vez um rei chamado Ricardo Coração de Leão, diferente dos outros reis, porque não ficava dentro do castelo escondido e ia batalhar junto com seus cavaleiros.

Um dia, o nobre foi guerrear contra os mouros e deixou seu castelo sob o comando de seu irmão Príncipe João que era arrogante e malvado.

Quando foram para a batalha, ficaram escondidos esperando os inimigos. Depois de um tempo, os mouros apareceram e começaram a batalhar. Em certo momento, o rei recuou com seus guardas porque havia muitos feridos, até que apareceu um mouro:

– Vim aqui para falar com o rei sobre um assunto muito importante!

– Então diga – disse o rei desconfiado.

– Venha comigo e contarei tudo – falou o mouro.

O rei acreditou e seguiu o guarda do rei dos mouros. Os ajudantes da Majestade não acreditaram no outro servo e seguiram o monarca discretamente, sem ele perceber, e viram que o guarda havia enganado a Majestade, pois o prendeu para levar ao rei dele.

Porém, o mentiroso não esperava que os cavaleiros reais do rei Ricardo pulassem das árvores e resgatassem o rei.

Os mouros voltaram para seu reino, e o rei Ricardo também. No meio do caminho, a tropa do bom rei viu o Robin, que estava raivoso com o que lhe havia acontecido.

O rei João, que estava passando por ali por acaso, perguntou:

– O que está acontecendo aqui?

–Você matou meu pai e roubou todo dinheiro da vila! – gritou Robin Hood indignado.

O rei Ricardo, ao tomar conhecimento do fato, expulsou seu irmão e nunca mais o viu pelas redondezas.

Fonte: Registros da pesquisa (24/09/2022).

Os atos de escrita ensinados em seus diversos suportes podem desestabilizar a verdade única de se enxergar as coisas e favorecer a multiplicidade de olhares para ver tanto o homem quanto a própria humanidade. Além disso, esse ensino proporciona aprendizagens por meio de uma postura metodológica que se insere na vida das crianças e as liga ao contexto tecnológico.

Depois que todos os contos foram revisados pelas próprias crianças com nosso auxílio e com o uso do *notebook* e do projetor multimídia, eles foram revisados mais uma vez. Após esses processos, cada dupla ilustrou o seu conto.

No momento da revisão dos contos, foi mantido o objetivo de priorizar aspectos autorais presentes nos enunciados das crianças e, assim, portanto, foram alterados apenas aspectos necessários para a manutenção da compreensão dos contos pelos leitores, aspectos que poderiam prejudicar a intencionalidade enunciativa dos autores.

Após a revisão e a editoração dos contos, projetamos o arquivo para que as crianças conferissem se a versão estava de acordo com o que haviam planejado, e as crianças observaram atentamente cada um dos seus enunciados e o posicionamento das criações artísticas que fizeram para ilustrá-los. Com isso, algumas crianças observaram algumas inadequações em relação às ilustrações e precisaram ser refeitas. Segue um exemplo de diálogo que comprova isso:

> **Criança 1:** Se a menina está de cabeça para baixo, então o cabelo deveria estar caído para baixo devido à gravidade.
>
> **Professora:** Verdade! Será preciso modificar então. Criança ilustradora, vou te dar outra folha para você refazer a ilustração.
>
> **Criança ilustradora:** Não precisa, professora, eu consigo arrumar na mesma folha.
>
> (Registros da pesquisa em 21/10/2022).

Na página seguinte são apresentados dois exemplos em que as crianças ilustradoras sentiram necessidade de retocar a pintura dos seus desenhos para deixá-los mais vivos (Figura 3).

Figura 3 - Ilustração feita por uma criança. À esquerda, primeira versão, e à direita após o diálogo - versão final



Fonte: Registros da pesquisa (22/10/2022).

Ressaltamos que tanto as revisões e as adequações linguísticas quanto os retoques nas ilustrações, como todos os processos reais de criação escrita e imagética, devem ser vivenciados no final, uma vez que outros elementos essenciais como a situação de troca verbal em curso, o conteúdo a ser dito e ilustrado e, ainda, o conhecimento dos gêneros do enunciado devem ser a preocupação inicial nos processos de criação verbal e imagético.

CRIAÇÃO DOS PARATEXTOS DO LIVRO: AGRADECIMENTOS, DEDICATÓRIA E AUTOBIOGRAFIA

Enquanto os interesses de criação verbal forem renovados pela própria dinâmica do processo de intercâmbio verbal, as crianças constroem novos enunciados ao materializar novas interações que compõem uma cadeia infinita e ininterrupta de elos compostos por manifestações verbais, a qual se denomina de linguagem. Desse modo, foi proposta a elaboração coletiva dos agradecimentos, da dedicatória e da autobiografia às crianças.

Para a elaboração da dedicatória e dos agradecimentos, seguindo a nossa orientação, como operadoras de mediações, a turma fez a leitura de agradecimentos e dedicatórias presentes em livros diversos que compunham tanto o acervo da sala quanto acervo da biblioteca escolar. O fato de que a abrangência dos enunciados publicados ser bem maior do que as dos outros enunciados já produzidos por elas na escola foi percebido e externalizado pelas crianças ao serem questionadas sobre o que estavam aprendendo com esse processo de escrita para publicar um livro. Elas ressaltaram a relevância dessa criação enunciativa para sua formação e como uma contribuição delas para o mundo das letras, evidenciada no momento em que foram escrever coletivamente os agradecimentos e a dedicatória do seu livro. O seguinte diálogo demonstra isso:

Professora: Para quem nós vamos escrever os agradecimentos?

Criança 1: Nós queremos agradecer a você, professora?
Professora: Mas por quê?
Criança 1: Porque se não fosse você não teria tido este projeto e a gente nunca publicaria um livro, pode ser que a gente não tenha outra oportunidade dessa na vida.
Criança 2: Se não fosse você, professora, estaríamos fazendo outra coisa. A gente estaria fazendo aula agora.
Professora: Mas o que a gente está fazendo aqui agora? Não é aula?
Criança 2: Sim, professora! Quis dizer que a gente estaria fazendo outro conteúdo.
Professora: O que a gente está fazendo aqui agora?
Crianças: A gente está escrevendo os agradecimentos.
Professora: E o que é isso?
Crianças: É uma produção coletiva de texto.
Professora: Esses agradecimentos vão para onde? Para quem que a gente está escrevendo? As outras professoras também produzem textos coletivos com suas turmas e os textos vão para onde?
Crianças: Esses textos vão para a pasta de produções.
Professora: Para quem ler?
Crianças: A professora, as coordenadoras, o diretor ou os pais, na reunião...
Professora: Quem mais os lê?
Crianças: Fica lá na pasta.
Professora: E os agradecimentos que estamos escrevendo agora?
Crianças: Vão estar no livro.
Professora: E quem vai ler?
Crianças: Todo mundo que quiser, quem comprar o livro.
(Registros da pesquisa em 26/10/2022).

A seguir são apresentados os agradecimentos e a dedicatória tal como foram redigidos coletivamente em sua versão final (quadro 3).

Quadro 3 - Versão final dos Agradecimentos e Dedicatória

Agradecimentos
Queremos agradecer: A **Deus,** por ter nos ajudado a enfrentar uma pandemia e estarmos todos bem e com saúde. Aos **nossos familiares**, por terem apoiado esse Projeto de todas as formas possíveis. À **Érika Christina Kohle**, por ter generosamente lido e revisado nossos contos e incentivado a publicação. À **Professora Gisele**, por ter tido a ideia de criar esse Projeto e nos dar a oportunidade de divulgar nossas histórias para o mundo porque sem ela nada disso teria acontecido. Teremos uma bela lembrança da escola.
Dedicatória
Dedicamos este livro: **A todas as crianças** que também imaginam como nós, Ao **Rui de Oliveira** por ter nos inspirados, E ao **Ricardo Azevedo** por ter criado os dezessete passos para criar uma história de aventura.

Fonte: Registros da pesquisa (26/10/2022).

Para a criação das autobiografias, pedimos que escrevessem um ou dois parágrafos sobre o que gostariam que outras pessoas soubessem sobre eles, além das informações essenciais como nome completo, data de nascimento e cidade onde moravam. Como o prazo de entrega de todo o material para a editora estava se esgotando, pedimos que rascunhassem em folha de papel e depois

digitassem os enunciados com o *smartphone* e com o *notebook*, para as próximas versões e para o envio à editora.

Figura 4 - Criação de autobiografias no *notebook* ou no celular



Fonte: Registros da pesquisa (26/10/2022).

Observamos que o *smartphone*, por ser um dispositivo eletrônico de uso frequente pelas crianças, facilitou a escrita porque

já sabiam como o manusear. Auxiliamos em relação à pontuação e ao uso da letra maiúscula, uma vez que o aparelho fornece um banco de palavras antes mesmo de concluir a escrita da palavra desejada, resolvendo possíveis erros de grafia de palavras.

A seguir, um diálogo para ilustrar como a escrita com o uso do celular se efetivou:

> **Professora:** Ali onde você escreveu "Meu nome é ****, depois do último nome tem um ponto final. Vai lá e põe um ponto final depois de ****. Isso. Agora esse "tenho" é com letra maiúscula. Você consegue fazer esse "t" com letra maiúscula?
>
> **Criança autora:** Vou saber como faz?!
>
> **Professora:** Tenta clicar de novo entre o "t" e "e". Isso, agora apaga. Onde apaga? Isso. Agora a letra maiúscula. Você sabe fazer? Põe o "T" agora. Tenho dez anos, vírgula, nos "anos". "Faço aniversário". Vamos lá para o "aniversário". Tem alguma coisa errada no "aniversário". Volta aqui. Ah, você não terminou de escrever "aniversário". A criança autora balança a cabeça negativamente.
>
> **Professora:** Aniversário tem acento no "a". Não tem letra maiúscula aí. Isso, tira. Digita "ani" que ele completa a palavra para você. Aqui "aniversário" (apontando para o banco de palavras). "Faço aniversário dia..." Continua. Você lembra quando é?
>
> **Criança Autora:** 19/03/2012.
>
> **Professora:** Isso. Sabe fazer o 19?
>
> **Criança Autora:** É para colocar o número?
>
> **Professora:** Sim. Você sabe fazer? Sabe colocar a barra? Deixa te ensinar. Aqui ó. Aperta aqui nesta setinha. Aqui mesmo. Isso. Isso mesmo. Pode por.
>
> **Criança Autora:** Assim?

> **Professora:** Isso. E o que mais você quer escrever agora?
>
> **Criança Autora:** Das coisas que eu gosto.
>
> **Professora:** Então escreve, daí a gente corrige.
>
> (Registros da pesquisa em 26/10/2022).

Em seguida, questionamos as crianças com a intenção de fazer com que percebessem a abrangência do enunciado publicado – destinado ao público em geral e, especialmente, aos interessados em enunciados pertencentes ao gênero contos de aventuras. As crianças expressaram as aprendizagens efetivadas no decorrer do processo, como podemos constatar no diálogo a seguir:

> **Professora:** Com todo esse trabalho que a gente fez, desde quando a gente iniciou – vocês criaram a história de aventura dia 15/09, hoje é 26/10, olha o tempo que a gente está trabalhando com esse conto de aventura, mais de um mês – o que vocês aprenderam com esse trabalho de produzir um livro?
>
> **Criança 1:** Eu aprendi que toda ideia que a gente tem, a gente tem que ler do começo para poder continuar a ideia se tem a ver com a história.
>
> **Criança 2:** Eu aprendi a adicionar coisas no texto, mais detalhes, porque antes eu fazia textos menores e coisas que não tinham sentido [...]
>
> **Professora:** Por que a gente precisa adicionar, acrescentar detalhes ao texto?
>
> **Criança 2:** Para ficar mais detalhado, para os leitores entenderem.
>
> **Professora:** Entenderem o quê?
>
> **Criança 2:** Entenderem o sentido do texto.

Criança 3: Eu aprendi a fazer contos de aventura porque eu não sabia.

Criança 4: Aprendi como fazer um livro.

Criança 1: Onde tem que colocar as pontuações, as vírgulas no conto.

Criança 3: A arrumar os textos porque antes a gente fazia, a professora corrigia e colocava na pasta. Agora que a gente corrigiu no *notebook* ficou melhor.

Professora: A criança 3 falou uma coisa muito importante, que no *notebook* facilita a correção. Por que no *notebook* facilita a correção? Quantas vezes peguei o texto de vocês no papel, coloquei os códigos de correção e pedi para vocês corrigirem? O que é mais fácil: vocês corrigirem no papel ou no *notebook*?

Criança 4: É melhor no *notebook* porque marca quando você errou uma palavra.

Professora: Só isso? O que mais?

Criança 3: Quando você faz a correção no papel você tem que escrever tudo de novo só que certo, já no *notebook* você pode apagar a palavra que você errou, as coisas que você errou, e colocar. Aí é mais fácil.

Criança 5: No texto [referindo-se à folha de papel] quando a gente vai fazer a segunda versão a gente tem que refazer o texto inteiro, e no *notebook* é só apagar as coisas que estão erradas e escrever de novo.

Professora: [...] aí, de repente, você percebe que esqueceu de pular uma linha ou esqueceu de inserir a situação inicial ou o evento perturbador, na folha o que tem que fazer?

Criança 3: Apagar e fazer tudo de novo. Ou começar em outra folha.

Professora: E no computador? Eu apago todo o texto? Ou descarto?

Criança 3: É só você ir à linha e adicionar o que falta.

Criança 6: Aprendi as etapas para fazer um livro.

Professora: Hum... Nós aprendemos as etapas para fazer um livro. Quais são essas etapas? Alguém sabe?

Criança 6: Tem que fazer todos os textos, as ilustrações, os agradecimentos, a dedicatória, o sumário, as capas do livro.

Professora: E uma coisa importante que a gente tem que fazer?

Criança 2: Corrigir os textos, a segunda versão.

Professora: Nós fizemos só duas versões?

Criança 3: Fizemos quatro: a primeira na folha e as outras no computador.

Criança 1: Voltando naquele assunto do computador, também quando a professora esquece de colocar alguma letra, vírgula, pontuação, ele já corrige.

Professora: O computador mostra pra gente voltar porque esqueceu alguma coisa. E quando você está escrevendo no papel?

Algumas crianças: No papel não.

Criança 5: Aprendi também as etapas [passos] de como fazer um conto de aventura.

Professora: Você lembra quais são essas etapas?

Criança 5: É que a primeira você tem que inventar um personagem e o lugar onde ele mora. Tem que ter um lugar proibido.

Criança 3: Uma coisa que o personagem não pode fazer e ele faz.

Criança 7: Aprendi que não pode usar nomes que já existem. Nomes de lugares nem de pessoas.

> **Professora:** Poder, pode. Mas se a gente colocar nomes que já existem não fica interessante. Se fizer diferente como fizemos [colocar os nomes ao contrário] o leitor vai ficar pensando: o que significa isso? De onde surgiu essa ideia mesmo, de escrever as letras de trás para frente? Eu lembro que foi ideia da criança 3. Se a gente voltar desde o início, olha quantas histórias desse processo de escrita a gente tem pra contar. Cada conto tem uma história da sua elaboração.
>
> **Criança 3:** Professora, o nosso conto é do século XIX, da colega é de hoje em dia (do Halloween), e do outro colega é mais do futuro.
>
> **Professora:** Cada conto é de um tempo diferente. Olha que diversidade!
>
> **Criança 3:** Professora, também aprendi outra coisa: antes eu colocava várias palavras repetidas, agora não. Quando faz no computador, aparece de azul.
>
> **Professora:** Por que não pode usar palavras repetidas?
>
> **Criança 3:** Porque fica muito repetitivo.
>
> **Criança 8:** Aí vai perder a graça.
>
> **Professora:** Fica chato, fica cansativo.
>
> (Registros da pesquisa em 26/10/2022).

Depois de passar por todos os processos de revisão, editoração e de publicação, no dia treze de dezembro de 2022, ocorreu o lançamento do livro “No meio dos quinze contos de aventura tem um pé de imaginação!” conferindo status de autoras às crianças que se tornaram também ilustradoras de uma obra publicada, autoras inclusive da ilustração da capa.

A turma, que obteve uma alfabetização humanizadora por meio de criação de enunciados desde o início de sua trajetória nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, encerra esse ciclo ao participar de todo o processo de publicação de uma obra – idealização, criação de inúmeras versões, criação das ilustrações, revisão final dos contos, produção dos diversos enunciados específicos ao livro, publicação, lançamento e sessão de autógrafos.

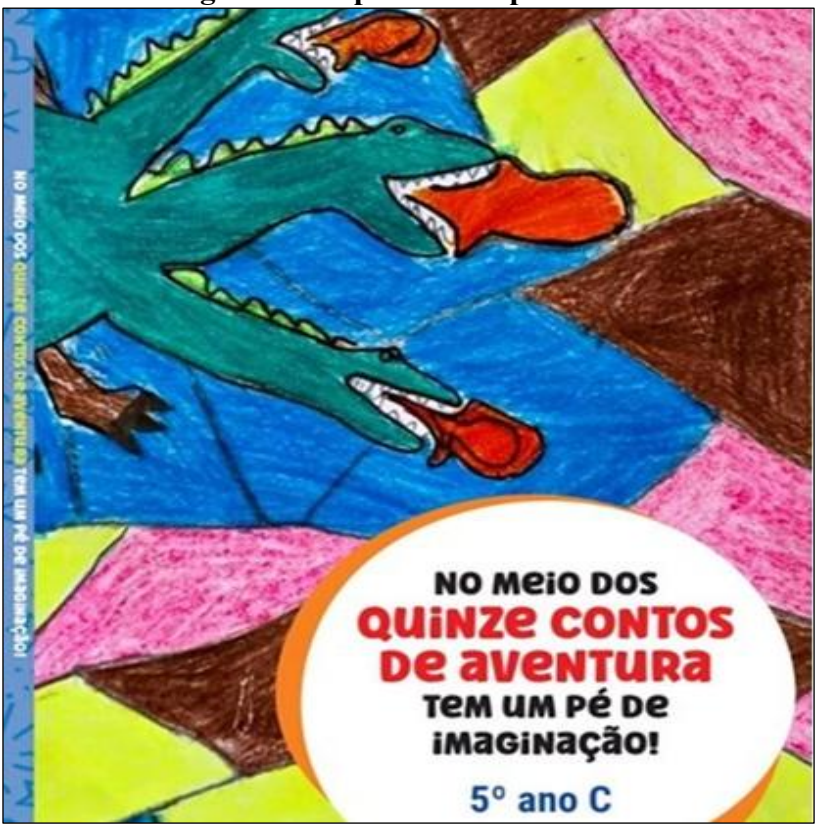
A equipe gestora da escola organizou o espaço da biblioteca para a sessão de autógrafos que contou com a participação dos familiares das crianças autoras, de alguns professores e funcionários da escola, da revisora do livro e de Professores Doutores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Evidenciamos que a publicação do livro foi possível em razão do total apoio dos familiares, os quais financiaram a compra dos exemplares, e das crianças, que se engajaram desde o início no processo de escrita.

Em relação ao nosso papel como operadoras de mediações culturais de todo o processo, ficou evidente que o docente,

> [...] ao exercer o papel de quem tem mais experiência, consegue agir na direção de contribuir para a formação de objetivos conscientes nas crianças escolares para que elas possam atribuir sentido a suas ações de estudo, assim como fazem em suas vidas. No que diz respeito à aprendizagem dos diferentes gêneros de enunciados, cabe ao professor proporcionar às crianças situações de criação de enunciados escritos em que o escrever se torne uma necessidade para elas e, assim, possam gerar nelas os motivos pelos quais considerariam crucial para suas vidas a atividade de escrever e se lancem efetivamente no ato de criação verbal (KOHLE, 2022, p. 326).

Figura 6 - Capa do livro publicado



Fonte: Registros da pesquisa (31/10/2022).

O trabalho foi muito criativo e favoreceu a apropriação dos conhecimentos inerentes à linguagem escrita, sobretudo possibilitou às crianças a descoberta de que podem ser autoras, bem como ilustradoras de suas próprias histórias, as quais poderão voar pelo mundo, transcendendo o seu arquivamento em pastas de criação de textos.

Por meio da proposta de criação de um livro coletivo de contos de aventura para as crianças e de todo o processo para a concretização de tal projeto, obteve-se como resultado uma obra que leva seus leitores a estabelecerem contatos com as diversas manifestações de arte, uma vez que os autores das aventuras são os ilustradores dos contos, tornando o diálogo em torno do sentido e da significação infinitamente ampliado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de parte da pesquisa apresentada neste capítulo, considera-se que a elaboração e a organização de uma obra literária por um coletivo de estudantes com sua professora inspiram outros docentes e suas turmas a adentrarem no mundo da imaginação e a criarem as mais diversas histórias dentre as infinitas possibilidades do mundo fictício.

E, ainda, que tal feito nos leva a refletir sobre como o caminho que os educadores elegem para a formação de crianças e jovens pode oferecer-lhes um meio privilegiado de apropriação de conhecimentos, de formação de atitudes e de valores e de desenvolvimento de capacidades que permitem a eles compreenderem sua realidade e nela atuarem de forma responsável, criativa e transformadora.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, R. **Vou-me embora desta terra, é mentira eu não vou não!** São Paulo: Editora Moderna, 2008.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Editora Hucitec, 1990.

BRAGA, D. B.; RICARTE, I. L. M. **Letramento e tecnologia**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2010.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KOHLE, E. C. **O desenvolvimento da capacidade autoral em crianças dos anos iniciais do ensino fundamental por meio da atividade de estudo** (Tese de Doutorado em Educação). Marília: Unesp, 2022.

LEONTIEV, A. N. **Actividad, conciencia y personalidad**. Buenos Aires: Ediciones Ciencias del Hombre, 1968.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. São Paulo: Editora Cortez, 2014.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKII, L. S. "Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar". *In*: VIGOTSKII, L. S. *et al*. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Editora da USP, 2006.

ZUCKERMAN, G. A. "O desenvolvimento da reflexão através da aprendizagem". **Journal of Russian and East European Psychology**, vol. 52, 2015.